



O Homem

Dentre as perguntas mais importantes que se possa fazer sobre a existência humana, com certeza uma delas é a respeito do próprio homem, afinal: o que é o homem? Podemos dizer que atualmente existem inúmeras maneiras de responder essa pergunta: um mero amontoado de proteínas e aminoácidos, um ser racional fruto de uma longa evolução, um ser bom corrompido pelo meio, etc. John Stott afirma que “a crítica cristã as respostas contemporâneas para a questão ‘o que é o homem?’ é que elas tendem a ser ou ingênuas demais em seu otimismo ou negativas demais em seu pessimismo acerca da condição humana”.¹

Assim como as Escrituras nos dizem quem o Criador é, também nos dizem quem é o homem e qual sua relação com o Criador. A criação inicia por afirmar que o homem foi criado de maneira especial, de maneira que o homem é o “apogeu da criação” como afirmar Alister McGrath.² Isso é indicado pela estrutura narrativa de Gênesis 1 e também pelo de que dentre todas as coisas que Deus criou, apenas o homem foi feito “a imagem e semelhança” do Criador. Os teólogos utilizam a frase em latim “*imago Dei*” para se referir a esta imagem de Deus no homem. Entretanto, o que significa dizer que o homem foi feito à “imagem e semelhança” do seu Criador?

Imago Dei

O narrador de Gênesis nos diz que nosso Criador nos fez à sua imagem e semelhança. Os dois termos, “forma” e “semelhança”, foram interpretados por vários séculos como coisas diferentes. Entretanto, o consenso reformado, que era também a posição de João Calvino, era de que tanto “imagem” quanto “semelhança” querem dizer a mesma coisa e foram colocadas juntas para criar o efeito de reforçar a ideia do homem ser parecido com seu Criador. Anthony Hoekema afirma que no texto em hebraico não há a conjunção “e” entre as palavras “imagem” e “semelhança”. Este seria um indício textual forte que não há qualquer ideia de soma de coisas distintas, mas a repetição da mesma ideia.³

A interpretação da *imago Dei* segue três grandes linhas. A primeira é chamada estrutural e aponta para uma continuidade das capacidades, habilidades e características morais, intelectuais, espirituais e físicas entre o Criador e o ser humano. Irineu, Agostinho, Tomás de Aquino e João Calvino adotam essa posição.⁴

Costa nos esclarece ao afirmar que “o homem foi criado como um ser pessoal, que tem consciência e determinação própria; diferentemente de todos os outros animais, faz distinção entre o eu, o mundo e Deus; daí a capacidade de se relacionar com Deus (Gn 3.8-14) e com seu semelhante (Gn 3.6), podendo entender a vontade de Deus, fazer entender e avaliar todas as coisas (Gn 1.28-30; 2.18.19)”.⁵

A segunda é chamada relacional, na qual a imagem da Trindade no homem não é necessariamente algo que o homem tem em si mesmo, mas algo que ele experimenta em suas relações, a realidade do próprio Deus Trino. Os dois maiores nomes nessa abordagem são Karl Barth e Emil Brunner.

James Houston lembra que o refrão “macho e fêmea” enfatiza esse aspecto relacional da *imago Dei*, pois “a relação entre homem e mulher [...] aponta para o fato de que o homem sozinho não é humano. Ele só é homem quando é confrontado com o “Tu” antes do seu “eu”. Por seu turno, isso é um reflexo do relacionamento eterno dentro da Trindade, do “Eu” e do “Tu” de Deus”.⁶

A terceira é a chamada funcional, na qual a imagem está naquilo que o ser humano faz, que é o domínio concedido sobre a criação, seu papel como co-criador ou sub-criador.⁷

A crítica a cada uma dessas abordagens é que elas costumavam enfatizar um aspecto do ser humano como sendo o foco da “imagem e semelhança” do Criador em nós em detrimento de outras. Contudo, Hoekema defende uma compreensão integral, holística, da imagem do Criador no homem. Hoekema propõe sua abordagem no clássico “Created in God’s image”: “a imagem Deus, nós achamos, descreve não apenas algo que o homem tem, mas algo que o homem é. Isto significa que seres humanos tanto espelham quanto representam Deus. Assim, há um sentido no qual a imagem inclui o corpo físico. Indo além, a imagem de Deus inclui tanto o aspecto estrutural quanto o funcional [...], porém nós devemos lembrar que na visão bíblica a estrutura é secundária, enquanto a função é primária. A imagem precisa ser vista dentro do relacionamento triplo do homem: com Deus, com os outros e com a natureza”.⁸

¹ STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*. São Paulo: ABU Editora, 2005, p.36.

² MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.503

³ HOEKEMA, Anthony. *Created in God’s image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.13

⁴ WARE, Bruce A. Male and Female Complementarity and the Image of God – in JBMW7/1, Louisville, (Spring 2002) p.15

⁵ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Eu Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo*. São Paulo: Edições Parakletos, 2002, p.187

⁶ HOUSTON, James. *O Criador: Vivendo bem no mundo de Deus*. Brasília: Ed. Palavra, 2005, p.94

⁷ RODRIGUES, Adriani Milli. Imagem de Deus e nova criação – in *Kerygma* - Ano 5 - Número 2 – jul/dez 2009, p.13-15

⁸ HOEKEMA, Anthony. *Created in God’s image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.95

Na perspectiva de Hoekema, não é necessário optar entre as diferentes abordagens acerca da *imago Dei*, mas é possível uni-las numa compreensão orgânica a respeito do ser humano.

Comentando esta abordagem, Bruce A. Ware afirma que “Hoekema defende e desenvolve uma visão da imagem de Deus na qual o ser humano é visto como feito por Deus com certas capacidades estruturais (“espelhar” Deus) de maneira que elas possam funcionar na realização das responsabilidades dentro dos relacionamentos específicos que Ele lhe deu (“representar” Deus). A tensão, então, está sobre as responsabilidades funcionais e relacionais, enquanto as capacidades estruturais proveem a condição necessária para estas responsabilidades serem cumpridas. Além disso, Hoekema descreve os elementos relacionais destas funções nos termos de como são relacionadas a Deus, aos outros, e ao mundo que Deus criou. Logo, Deus nos fez de uma maneira especial, e nos fez de maneira a funcionar neste ambiente triplo de relacionamentos, e estes juntos constituem o que significa ser criado na imagem de Deus”.⁹

Portanto, a imagem do Criador no homem não é uma mera peça de teologia, mas é o coração pulsante de todo o entendimento das Escrituras a respeito do homem. Toda a doutrina do homem contida nas Sagradas Escrituras, a antropologia bíblica, passa pelo fato de que o homem foi criado com a *imago Dei*. Ou seja, a imagem do Criador criatura está tanto nas capacidades concedidas a nós (razão, volição, personalidade e etc) quanto nas responsabilidades que o Criador nos delegou dentro dos relacionamentos perfeitos que foram dados ao homem em sua criação. Esta ênfase é crucial para compreendermos que o ser humano foi criado não apenas com a capacidade de se relacionar, mas foi criado precisamente para se relacionar!

Ware compreende bem as implicações dessa percepção de maneira que “antes de ver a imagem de Deus como uma referência a alguns aspectos da nossa natureza humana, a imagem de Deus é refletida em nossa relação com o outro e com Deus. Logo, mesmo sendo verdade que Deus nos deu a razão, alma, volição, e outras capacidades de nossa natureza, nenhuma destas constitui a imagem de Deus. Antes, é o uso destas capacidades em relação com Deus e os outros que reflete mais claramente o que significa ser criado a imagem de Deus”.¹⁰

Podemos dizer que o homem foi criado pela Trindade para ser um ser de conexões, para se conectar em múltiplas dimensões e direções. É dentro de suas relações que o homem tanto expressa quanto experimenta plenamente o que é ser conforme a imagem do Eterno.

Conexões perfeitas

E quais são estas conexões que Hoekema chama de “relacionamento triplo”? O próprio Hoekema deixa claro que “em sua criação original, humanos representavam a imagem de Deus em seus três relacionamentos”¹¹: a conexão com o Criador, a conexão com o outro e a conexão com a natureza.

Abraham Kuyper afirmou que para que um sistema pretenda ser uma cosmovisão, este precisa cumprir algumas condições. “Estas condições exigem, em primeiro lugar, que a partir de um princípio especial se obtenha um vislumbre especial das três relações fundamentais de toda a vida humana: a saber. (1) nossa relação com Deus, (2) nossa relação com o homem, (3) nossa relação com o mundo”.¹² Contudo, creio que é importante colocar mais uma conexão aí para completar o quadro: a conexão consigo mesmo. Logo, o homem foi criado para relacionamentos e com 4 quatro relacionamentos perfeitos: com o Eterno, consigo mesmo, com o outro e com o meio.

Dicotomismo e tricotomismo

Por fim, devido a sua criação como relatada em Gênesis 2 e diversos outros trechos das Escrituras, podemos compreender que o homem possui uma porção material (feito do pó da terra) e outra imaterial (o fôlego divino). A Segunda Confissão de Fé Helvética declara essa verdade ao afirmar que “o homem consiste de duas substâncias diferentes numa pessoa: de uma alma imortal, que, quando separada do corpo, nem dorme nem morre, e de um corpo mortal que, porém, ressuscitará dos mortos no juízo final, de modo que desde então o homem todo, na vida ou na morte, viva para sempre”.¹³

Embora haja uma maciça concordância no fato de que o homem é um ser composto de uma porção material e uma porção imaterial, há uma notável discordância de como é estruturada sua porção imaterial entre os teólogos. De um lado, aqueles que afirmam que alma e espírito são palavras diferentes para descrever o fôlego divino no homem (dicotomismo) e de outro aqueles que crêem que alma e espírito são porções diferentes do homem, que seria então um ser de 3 substâncias (tricotomismo).¹⁴

⁹ WARE, Bruce A. Male and Female Complementarity and the Image of God – in JBMW 7/1, Louisville, (Spring 2002) p.17

¹⁰ WARE, Bruce A. Male and Female Complementarity and the Image of God – in JBMW 7/1, Louisville, (Spring 2002) p.15

¹¹ HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.95

¹² KUYPER, 2003, p. 28

¹³ A Constituição da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América – Parte I: Livro de Confissões. Segunda Confissão de Fé Helvética, Capítulo VII, § 3. São Paulo: Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969.

¹⁴ BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: LPC, 1985, p.109,110